

## “SONHOS E VIVERES NA CIDADE<sup>1</sup>”

Edna Maria Chimango dos Santos<sup>2</sup>

[...] Há quem diga que todas as noites são de sonhos. Mas há também quem garanta que nem todas, mas somente as de verão. Mas no fundo isso não tem importância. O que interessa mesmo não são as noites em si, são os sonhos. Sonhos que o homem sonha sempre, em todos os lugares, em todas as épocas do ano, dormindo ou acordado.

Shakespeare

As pessoas estão sempre almejando algo. Isso faz parte do nosso viver, um viver de lutas, de sonhos e de buscas constantes, seja por emprego, por moradia, por saúde, por educação ou, simplesmente, pelo prato de comida do dia que se vive.

Construída por sonhos, desejos, anseios, frustrações, realizações e lutas das muitas pessoas que a compõem, em suas diversidades e diferenças, Uberaba vai se fazendo. As pessoas que aqui vivem possuem sonhos e por eles lutam, mesmo que numa luta desigual, já que as desigualdades sociais permeiam fortemente as relações entre seus habitantes.

Os lugares ocupados pelas pessoas na cidade, também devem ser analisados. Em muitos casos, esses lugares se constituem em fronteiras, em barreiras e empecilhos para as relações estabelecidas na cidade. Fronteiras que não são físicas, que não dizem respeito a construções ou edificações que impossibilitem os contatos entre as pessoas, mas que são dadas de acordo com a distância de onde se vive - em relação ao centro da cidade-, com o tipo de moradia que se tem, com a renda e, portanto, com quem habita esses lugares, ou seja, os trabalhadores pobres; como se essas fossem premissas de julgamento de quem é “do bem” e “do mal”, como se os lugares dissessem quem somos e o que pretendemos.

Esses múltiplos e desiguais viveres nos instigam a pensar a forma com que a cidade de Uberaba está organizada, o modo como seus espaços são ocupados, os tipos de moradias construídas “para os pobres”, enfim, nos permite adentrar em dois mundos distintos, o das pessoas que possuem poder aquisitivo e sobrenome que lhes “abram” as portas da cidade,

e o mundo dos Souza, dos Silva, dos Santos e de tantos outros que, sem sobrenome que os apresente e qualifique, e ainda, sem poder aquisitivo (já que o que ganham – e quando ganham - não é suficiente nem para o sustento do dia vivido, quem dirá para se acumular), os colocam às margens das decisões políticas tomadas por determinados grupos sociais que “ditam” as regras em Uberaba.

Nesse percurso, proponho compreendermos o viver dos trabalhadores pobres em Uberaba hoje. No entanto, a partir das entrevistas realizadas com as pessoas com as quais dialogamos no decorrer desse trabalho, ficam expressas em suas memórias as décadas de 1970 e 1980 como períodos de mudanças e de realizações mais profundas, que marcam o presente vivido e colocam, nesse período, significados que merecem nossa atenção.

Através das narrativas orais – fio condutor deste trabalho -, procuramos dar vida e sentido a outros tipos de documentações, que também nos instigam a investigar o período acima citado, pois evidenciam transformações na sociedade uberabense, como o fato dessa década receber um grande número de migrantes e, nesse contexto, ter um aumento considerável em termos de crescimento populacional, o que ocasionou muitas modificações em torno dos costumes, necessidades, buscas e anseios entre as pessoas que buscaram em Uberaba a concretização de seus sonhos.

De acordo com os dados<sup>3</sup> do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -, o número de habitantes em Uberaba, nesta década, subiu de 108.576 para 199.203 habitantes. Essa elevação se justifica nos discursos de uma cidade boa pra se viver, onde “(...)no coração de cada uberabense, brilha a chama de um amor intenso. Aqui edificamos uma cidade em que a vida é boa, o futuro é esperança, e o trabalho é rotina<sup>4</sup>”, ou numa cidade “(...) adulta, crescida, grande, enorme, progressista e em franco desenvolvimento, mas guardando em seu bojo a humanização, onde o homem ainda vale como homem<sup>5</sup>”.

Pensar no “homem valendo como homem” é imaginar uma cidade onde a discriminação não ocorre, onde as desigualdades são inexistentes, onde a harmonia e a justiça se sobressaem. Tal afirmação vai contra a situação vivida por milhares de pessoas, onde “cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende

de sua localização no território<sup>6</sup>”, aqui entendido como o lugar onde as pessoas imprimem seus costumes, seus modos, seus valores, seus sonhos, seus desejos e, portanto, sua cultura. Territórios que estão em constantes transformações, ora lentas, ora rápidas, mas que ocorrem a partir das relações sociais que neles se instauram, sendo carregados de sentimentos e vida, já que passam a ser entendidos como lugar onde pessoas se manifestam, depositam expectativas, se relacionam e encontram forças para sobreviver.

A justificativa para tal crescimento populacional estaria voltada para a constante evolução industrial, já que Uberaba se “apresenta num índice superior de crescimento em relação a outras cidades, de porte médio, (...) conseguindo mais um pólo, o pólo petroquímico<sup>7</sup>”e, com esse crescimento populacional, estaria a cidade muito próxima de se tornar uma favela, até porque,

(...)as áreas livres da periferia, a equidistância dos grandes centros da federação (ponto obrigatório de parada dos imigrantes), o renome já bastante difundido de centro de larga prestação de serviços assistenciais (inclusive a população estrangeira) e, principalmente, o chamarisco da mão-de-obra em defasagem, perspectiva normal de um município que se industrializa(...)8.

O “tornar-se” favela era um “mal” que rondava a cidade e que amedrontava os “bons cidadãos”, receosos de um crescimento que colocaria em risco o controle exercido por estes, que estavam no poder político de Uberaba.

Daí a necessidade em se pensar o lugar do pobre, em se delimitar territórios e estabelecer fronteiras na cidade, “dando cidadania” aos menos favorecidos, construindo moradias em locais previamente selecionados pelos governantes locais, contanto com a influência e o auxílio político e econômico de outras autoridades e outros políticos influentes da região que, juntos, traçavam linhas de ação aos pobres da região.

Pensando na organização da cidade, no lugar dos trabalhadores de baixa renda, no crescimento descontrolado da população – decorrentes “não só do ‘boom’ industrial e das contínuas migrações à cidade, mas provenientes também das demissões ocorridas no campo, que passam a fazer uso da mão-de-obra alugada<sup>9</sup>-, que a cidade é re-planejada e,

nesse replanejamento, são construídos os Conjuntos Habitacionais, amparados pelo discurso ideológico do Presidente da República General João Batista Figueiredo, de “dotar cada cidadão brasileiro, principalmente o trabalhador menos favorecido, de uma moradia para sua família<sup>10</sup>”.

Desta forma, o então prefeito de Uberaba Silvério Cartafina Filho, mediante o “risco de favelamento” e as pressões dos moradores em prol de moradia, decide, juntamente com a Cohab<sup>11</sup>, “inserir Uberaba numa plataforma prioritária para a implantação de seus núcleos residenciais(...), de forma a conter o problema<sup>12</sup>”. Para tanto, o então prefeito, em seu slogan “A meta é Construir<sup>13</sup>”, propõe que sejam construídas em Uberaba cerca de dez mil moradias às pessoas de baixa renda, localizadas em pontos periféricos da cidade<sup>14</sup>.

Enquanto os governantes discutem o que fazer com a quantidade de trabalhadores de Uberaba (desempregados ou não), estas pessoas vão levando suas vidas, vivendo como podem. É o que nos relata dona Creuza. Moradora da zona rural na década de 1970, vem para a cidade em busca de melhores condições de vida. É o sonho de que

as coisas vão cê meió, que os menino vao tê estudo, que na fazenda num tinha. Mais num foi fácil. Que aqui, na cidade, se ocê tivé dinheiro, ocê come. Se num tivé num come. Lá na roça não, lá a gente engordava porco, eu tinha minha roça de verdura, criava galinha... Nós tinha a nossa cultura! Agora aqui não, é diferente, se tivé dinheiro é que ocê come<sup>15</sup>.

A fala de dona Creuza não se limita a ela, mas engloba um grande número de trabalhadores e trabalhadoras que, como ela, deixaram o campo, deixaram outras cidades, deixaram amigos, famílias e modos de vida diferentes, para tentar uma vida melhor e, muitas vezes, influenciados pelos discursos propagados ora pelos meios de comunicação, ora pelos políticos locais ou mesmo por outras pessoas que para cá vieram e que, por um motivo ou outro, conseguiram se sobressair e superar os muitos obstáculos postos no viver quem luta pelo dia vivido, pelo pão de cada dia. Esses discursos e propagandas camuflam a realidade do viver na cidade. Através deles, é possível criar expectativas que muitas vezes se tornam frustrantes, mediante as dificuldades surgidas.

Dona Maria Helena, nascida em Patos de Minas, veio para Uberaba também na década de 1970. Esperançosa de dias melhores, logo percebeu que

[...] num era fácil mora aqui em Uberaba. Em todos os aspectos, Uberaba não era a cidade que a gente diz que é fácil de viver. Serviço que era difícil, e naquela época, talvez fosse até mais difícil que hoje, naquela época às vezes num tinha nenhuma instituição que desse serviço pra gente, e hoje até que tem mais possibilidade de consegui um serviço. Morá, então, nossa senhora, num era fácil. Aluguel que era caro, num dava pra pagá, pagava, mais num comia direito, e dinheiro a gente nunca tinha, num dava pra nada. A gente recebia num dia e no outro já tava pedindo dinheiro emprestado de novo. Num era fácil. Hoje também num é, mas naquela época era pior<sup>16</sup>.

Vivendo de aluguel, abrigados em casas de parentes ou mesmo apossando-se de terrenos ilegais<sup>17</sup>, as pessoas foram encontrando um jeito de sobreviver em Uberaba sem, no entanto, deixar de lado o sonho de se possuir a casa própria, já que, para a população trabalhadora, “possuir uma moradia é, sem dúvida, uma necessidade (...), pois, dadas as intempéries do sistema econômico, representa a possibilidade de não pagar aluguel<sup>18</sup>”, ou ainda, ter seu lugar para viver, porque

[...] eu tinha vontade de ter a minha casa própria, porque mora junto da família é coisa mais triste que tem no mundo. Oê pode ser bem tratada, mas no fim num é... num é seu... Aí toda a vida eu tive vontade de ter o meu cantinho, o meu comuduzinho... Por que lá onde nós morava era casa grande, confortável, era lá na casa do pai, era lá no bairro Leblon, aquela casa amarela, confortada, aquele mundo de casa ... Mais num era nossa, é diferente!!!<sup>19</sup>.

A fala de Dona Odésia é muito significativa. Ela expressa o desejo de ter um lugar fixo para viver, um lugar que seja seu, e que nele, ela possa imprimir seus gostos e se sentir pertencente a um grupo, já que “pertencer a uma classe, grupo, categoria ou nação é possuir uma localização, ou seja, ter uma posição social reconhecida como legítima e situar-se num lugar compartilhado: sem domicílio ou referências pessoais não se é reconhecido<sup>20</sup>”.

Na necessidade em obter a casa própria, os trabalhadores pobres ficam à mercê das decisões tomadas pelos governantes, que não levam em conta a qualidade de vida necessária e de direito às pessoas, mas a forma mais lucrativa de se distribuir

especialmente a população. Nesse caso, vale lembrar que a distribuição desses espaços da cidade se fez a partir do centro para os bairros, e destes, para bairros ainda mais longes, quase nunca equipados e que, a fim de “manter o controle sobre a cidade e seus moradores<sup>21</sup>” é que os governantes de Uberaba decidiram (e ainda decidem) onde e como deveriam morar os trabalhadores pobres desta cidade, de forma que a necessidade e o direito de ter onde morar fossem considerados como privilégios ou doações do Estado e não como dever deste, escamoteando os verdadeiros motivos desta distribuição espacial.

O local “escolhido” para se construir os conjuntos habitacionais tem razão de ser. Eles representam formas de se preencher, às custas do pobre, os espaços ainda não ocupados na cidade. Desta forma, toda a infra-estrutura necessária para a urbanização das áreas que se pretendem valorizar é assim conseguida, ficando a população pauperizada sem acesso aos bens que lhe são de direito. Uma vez que essas áreas carecem de infra-estrutura e serviços básicos, “o custo econômico é relativamente baixo, mas em contrapartida o ônus social medido em termos de espoliação urbana é extremamente alto<sup>22</sup>”.

Tal procedimento foi adotado em Uberaba e o que percebemos é que, nas áreas destinadas às pessoas de baixa renda e, portanto, pouco valorizadas, à medida que os trabalhadores foram pagando pelos bens adquiridos, enquanto infra-estrutura e serviços, essas áreas foram se valorizando. Paralelo a essa valorização, o custo desses benefícios (diga-se de passagem, obrigatórios e de direito da população) sofre um aumento considerável, o que impede a permanência dos mesmos nesses locais, que se vêem pressionados a deixar essas áreas e, novamente, procurarem outras ainda mais distantes.

A pouca atenção dada às pessoas menos favorecidas é algo evidente e podemos perceber que “o poder público também colabora para a supervalorização de certas áreas, para o melhor êxito da especulação, para o empobrecimento cumulativo das populações<sup>23</sup>”, demonstrando a inexistência de preocupações reais de sobrevivência para com essas pessoas, porque “o Estado é sempre o Estado, não sente dor, não sente nada... tá aí pra servir e quando não serve... quando não serve..., as pessoas continuam nisso, como se não existissem<sup>24</sup>”.

A fala do Sr Timóteo é pertinente, e nos permite refletir sobre os aspectos mercadológicos vistos na cidade. Na maioria das vezes, as construções são realizadas sem levar em conta as condições de sobrevivência e necessidades das pessoas que vão habitá-la, de como será o dia-a-dia dessas pessoas, das dificuldades e transtornos oriundos de maus planejamentos.

Ao lidar com pessoas dessa maneira, evidenciam-se as exclusões e desrespeitos com o trabalhador, já que estes passam a ser tratados como coisas, sob o ponto de vista do lucro e do consumo, desconsiderando as necessidades, os direitos e a cidadania de sujeitos que compõem a sociedade.

A ocupação do espaço urbano uberabense, a construção de tantas casas populares aos pobres, a forma com que as muitas periferias foram se formando, todas elas com suas multiplicidades de sujeitos, de vozes, de desejos, anseios e necessidades, merecem nossa atenção. É preciso que analisemos os trabalhadores pobres enquanto integrantes que são da cidade, é preciso que percebamos que a luta por moradia – por um espaço na cidade - é uma luta social, que não está dada, muito menos resolvida, mas que se faz a cada momento, no embate entre os muitos sujeitos que constroem a cidade e nela se inserem.

---

**Notas:**

<sup>11</sup> Esse artigo se constitui como parte da dissertação do mestrado que estou escrevendo, intitulada “Culturas, Territórios e Fronteiras: expectativas, tensões e realizações dos moradores do Alfredo Freire, na cidade de Uberaba”.

<sup>2</sup> Mestranda em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>3</sup> Colhidos no site do IBGE, Censo 2001 e no Guia Sei – Uberaba/2003, p. Cidade – 3 A.

<sup>4</sup> Móveis Modernos. Jornal da Manhã, Uberaba, 02 de mai. 1979. Caderno Especial, p. 06.

<sup>5</sup> “Uberaba: progresso e desenvolvimento. Jornal da Manhã, Uberaba, 02 de mai. 1979. Caderno Especial. P.08.

<sup>6</sup> Santos, Milton. O lugar e o valor do Indivíduo. In: O Espaço do Cidadão. 2ª ed. São Paulo: Nobel, 1993, p.45.

<sup>7</sup> Uberaba e o risco do favelamento. Jornal da Manhã, Uberaba, 13 de mai. 1979. p.02.

<sup>8</sup> Uberaba e o risco do favelamento. Jornal da Manhã, Uberaba, 13 de mai. 1979. p.02.

<sup>9</sup> Uberaba e o risco do favelamento. Jornal da Manhã, Uberaba, 13 de mai. 1979. p. 02.

<sup>10</sup> Presidente da Cohab afirma: “Cada cidadão brasileiro deve ter casa própria”. Jornal da Manhã. 21 de abr de 1979, p.01. Entrevista concedida quando da visita do presidente da Cohab, Reynaldo de Matos de Castro Pires a Uberaba.

<sup>11</sup> Companhia de Habitação de Minas Gerais, com sede em Belo Horizonte.

<sup>12</sup> Uberaba e o risco do favelamento. Jornal da Manhã, Uberaba, 13 de mai. 1979. p.02.

<sup>13</sup> Dentre as reportagens acerca desse assunto destacamos:

- Jornal da Manhã, Uberaba, 30 de jan. 1981.p.08. Caixa Econômica Federal parabenizando o então prefeito pelas casas construídas.
- Silvério retorna satisfeito: “Atingirei minha meta de dez mil casa”. Jornal da Manhã, Uberaba, 06 de jun. 1981. p.01
- Conjuntos habitacionais: mais 490 unidades asseguradas. Jornal da Manhã, Uberaba, 26 de jun. 1981. p.01. .

<sup>14</sup> Dentre as muitas reportagens sobre esse assunto, destaco:

- 
- Habitação: obras prosseguem nos Conjuntos. Jornal da Manhã, Uberaba, 06 de jan.1980. p.01.
  - Prefeito busca casas populares e recursos em B.H. Jornal da Manhã, Uberaba, 09 de jan.1979. p.01.
  - Cohab casas populares duplex no Cássio Resende 2. Jornal da Manhã, Uberaba, 22 de set.1978. p.01.
  - Mais quatro mil casas populares em Uberaba. Jornal da Manhã, Uberaba, 19 de abr.1979. p.01.
  - Casa própria para os de baixa renda. Jornal da Manhã, Uberaba, 17 de mai.1979. p.01.
  - Uberaba:ilhada por conjuntos habitacionais. Jornal da Manhã, Uberaba, 21 de nov.1979. p.05.
  - Novo Conjunto começa a ser construído. Jornal da Manhã, Uberaba, 22 de nov.1979. p.01.
  - Prefeito quer casa própria para pequeno assalariado. Jornal da Manhã, Uberaba, 26 de fev.1980. p.05
- <sup>15</sup> Dona Creuza Aparecida J. Dias, tem 54 anos, é moradora do Conjunto Alfredo Freire desde 1982. É casada, tem quatro filhos. Era bóia-fria e hoje trabalha na Escola Mun. Profª Stella Chaves, como servente escolar.Entrevistas concedida em 13/08/2004.
- <sup>16</sup> Dona Maria Helena Chimango, 54 anos, é ex-moradora do Conjunto Alfredo Freire.Mudou-se para o Conjunto em dezembro de 1981e nele residiu até 1993. Entrevista concedida em 13/08/2004.
- <sup>17</sup> No “Corredor das Tutunas” existe ocupação ilegal de terras. Jornal da Manhã, Uberaba, 05 de jan. 1979. p.01. e “Posseiros vão receber ‘casa embrião’. Jornal da Manhã, Uberaba, 21 de jun. 1979. p.01
- <sup>18</sup> Kowarick, Lúcio. Escritos Urbanos. São Paulo: Ed. 34, 2000. p.31.
- <sup>19</sup> Dona Odésia Abadia Ramalho Nunes, 56 anos, três filhos. Quando a entrevista foi realizada, em 05/10/2003, seu esposo estava muito doente.Hoje está viúva.. É moradora do Conjunto Alfredo Freire desde novembro de 1981.
- <sup>20</sup> Arantes Neto, Antonio Augusto. Paisagens Paulistanas:transformações do espaço público. Campinas, SP:Editora da Unicamp, 2000. p.133.
- <sup>21</sup> Kowarick, Lúcio. Escritos Urbanos. São Paulo: Ed. 34, 2000. p.64.
- <sup>22</sup> Kowarick, Lúcio. Escritos Urbanos. São Paulo: Ed. 34, 2000. p.28.
- <sup>23</sup> Santos, Milton. O Espaço do Cidadão. 2ª ed., São Paulo: Nobel, 1993. p.115.
- <sup>24</sup> Sr. Timóteo de Souza , 60 anos, é morador do Conjunto Alfredo Freire desde nov. 1981. É casado, tem duas filhas e uma neta. E advogado, trabalhador público (INSS) e militante sindical – filiado ao PT.Entrevista realizada em sua casa, em 13/08/2004.